

NOTA ACERCA DE UM FRAGMENTO DE UM DIADEMA? OU ADORNO? DOURADO

Por

O. DA VEIGA FERREIRA

I — PREÂMBULO

Há anos veio para a colecção dos Serviços Geológicos de Portugal, remetido pelos Serviços de Geologia da Administração do Porto de Lisboa, uma pequena caixa com amostras metálicas provenientes de sondagens no rio Tejo, entre Santa Apolónia e a Doca de Alcântara.

Entre vários objectos, sem interesse especial, deparámos com um fragmento de uma pequena placa de cobre com dois furos num dos lados. Limpando com cuidado a referida peça surgiram os restos de uma jóia de cobre, placada de ouro muito fino. (1)

II — DESCRIÇÃO DA PLACA

O resto da peça metálica pertenceu a um elemento de diadema de cobre ornamentado que sofreu uma placagem de ouro por fusão; isto é, os artífices pré-históricos devem ter mergulhado a peça de cobre num banho de ouro fundido.

A placazita é relativamente espessa, de forma rectângular, com dois furos de cravação numa das extremidades. A outra extremidade está incompleta por corrosão.

(1) Agradecemos ao colega Manuel Trabucho do Laboratório de Química dos Serviços Geológicos a sua ajuda.

A peça era ornamentada em toda a volta com um sulco muito fino e, mais ou menos a meio, vê-se também um rectângulo com um sulco inciso cruzado em X. Medidas: comp. actual, 55 mm; larg. máx. 21 mm; espessura, 1 mm; buracos de cravação, 3 mm.

Esta peça metálica seria para se adaptar a uma tira de coiro fino ou de pele, por cravação, que serviria para cingir a testa, prendendo os cabelos como um diadema.



Fig. 1

Fragmento da placa de cobre com banho de ouro. Diadema?

III — COMPARAÇÃO E CRONOLOGIA

Em Portugal, como termo de comparação, muito embora sejam apenas placasitas de ouro delgadas, podemos indicar uma encontrada por nós há anos num dólmen da região de Sever do Vouga ⁽²⁾.

No Monumento n.º 4 de Alcalar encontrou Estácio da Veiga ⁽³⁾ dois reduzidos pedacitos de ouro, em seu entender, pertencentes a uma peça adornativa. Um desses pedaços é uma laminasinha rectangular, de ouro batido, como que parte de uma fita completamente lisa. Observa Estácio: «a tenuidade destas peças suscita a ideia de que fossem ligadas a uma tira de pele para se poderem usar como bracelete ou como adorno do cabelo». Admite ainda a hipótese de ter servido de guarnição de vestuário.

⁽²⁾ L. de Albuquerque e Castro, O. da Veiga Ferreira e Abel Viana, «Acêrca dos monumentos dolmênicos da Bacia do Vouga», XXIII Cong. Luso-Espanhol, Coimbra, 1957.

⁽³⁾ S. P. M. Estácio da Veiga, «Antiguidades Monumentaes do Algarve», vol. III, p. 225, Lisboa, 1889.

Mais tarde, encontramos nós no Monumento n.º 8 de Alcalar ⁽⁴⁾ outra laminasinha delgada de ouro com o mesmo aspecto da de Estácio da Veiga, mas com a ornamentação de linhas paralelas obtidas a punção ligadas duas a duas por meio de segmentos transversais.

O diadema da Quinta da Água Branca ⁽⁵⁾ e o de Balugães (Barcelos) são da Época do Cobre(?) constituídos por uma única lâmina de ouro fino sem a necessidade, portanto, da tira de coiro.

O diadema da Cueva de Los Murcielagos (Albunol-Granada) ⁽⁶⁾ é, pelo contrário, mais antigo. O encontrado no Monte dos Mouros-Melide, na Galiza ⁽⁷⁾, constituído também por uma única lâmina ornamentada de ouro fino, será talvez do final do Eneolítico ⁽⁸⁾. Em todo o caso, pela técnica, lembra os de Alcalar, o de Sever do Vouga e mesmo o da Quinta da Água Branca ou o de Balugães. A peça agora em estudo parece pertencer à mesma época eneolítica ou calcolítica, mas é de cobre placada de ouro, o que nos coloca numa situação embaraçosa pois não conhecemos nenhuma semelhante, muito embora, pela sua técnica, se possa colocar num período que andarà à volta dos 1800 a 2000 anos a. C.

RESUMÉ

Un petit fragment d'une plaque en cuivre avec un revêtement en or, est considéré par l'auteur, comme appartenant à un diadème semblable à ceux de Água Branca et de Balugães (Barcelos), etc., (Portugal).

(4) A. Viana, J. Formosinho e O. da Veiga Ferreira, «Algumas notas sobre o Bronze mediterrânico do Museu Regional de Lagos», *Zephyrus*, IV, Salamanca, 1953.

(5) José Fortes, «A sepultura da Quinta da Água Branca», *Portugália*, vol. II, p. 241, Porto, 1905-1908.

(6) D. Manoel de Góngara y Martinez, «Antigüedades pré-históricas de Andalucía, Madrid, 1868.

(7) Mário Cardozo, «Das origens e técnica do trabalho do ouro e sua relação com a joalheria arcaica peninsular», Est. V, fig. 8, Guimarães, 1957.

(8) Na «atholos» de Mochlos, em Creta, apareceu um diadema em lâmina de ouro do mesmo tipo dos da Península Ibérica. Christian Zervos, «L'Art de la Crète neolithique et minoenne», Paris, 1956.

